

UMA MULHER CONTRA A GUERRA NA ESPANHA EM OS FUZIS DA SENHORA CARRAR (1937), DE BERTOLT BRECHT

A WOMAN AGAINST THE WAR IN SPAIN IN LADY CARRAR'S RIFFLES (1937), BY BERTOLT BRECHT

Denise Rocha
Universidade de São Paulo

Resumo: A proposta do artigo é apresentar *Die Gewehre der Frau Carrar* [Os fuzis da Senhora Carrar], escrita em 1937, por Bertolt Brecht (1898-1956), que mostra o visceral impacto da Guerra Civil Espanhola, na Andaluzia, no cotidiano da viúva de um pescador, Teresa Carrar. Ela estava empenhada em proibir o alistamento militar de seus dois filhos que sofrem com o desenrolar dos embates entre nacionalistas franquistas, de um lado, e republicanos socialistas, de outro. O artigo de caráter bibliográfico foi baseado na filosofia da esperança de Ernst Bloch. Conclui-se que Brecht teve dois objetivos: conscientizar o público sobre os perigos da neutralidade em época de guerra e a importância vital de um envolvimento coletivo e solidário contra a ameaça de uma ditadura militar; e colocar-se a favor da causa socialista.

Palavras-chave: Literatura alemã. Teatro. Bertolt Brecht. Guerra.

Abstract: The purpose of this article is to present Lady Carrar's rifles (1937), by Bertolt Brecht (1898-1956), written in 1937, which shows the visceral impact of the Spanish Civil War, in Andalusia, on the daily life of widow of a fisherman, Teresa Carrar. She was committed to prohibiting the military enlistment of her two sons who are suffering from the ongoing clashes between Francoist nationalists, on the one hand, and socialist republicans, on the other. The bibliographical article was based on Ernst Bloch's philosophy of hope. It is concluded that Brecht had two objectives: to make the public aware of the dangers of neutrality in times of war and the vital importance of a collective and solidary involvement against the threat of a military dictatorship; and stand in favor of the socialist cause.

Keywords: German literature. Theater. Bertolt Brecht. War.

Recebido em: 08/07/2023

Aceito em: 10/11/2023



Fig. 1- Cena de *Os fuzis da Senhora Carrar*
Encenação de 16 de outubro de 1937, em Paris. Helene Weigel interpreta Teresa Carrar.

Introdução

Bertolt Brecht (1898-1956) explica no ensaio, *Über Frau Carrar um das Leiden (Kunst oder Politik?)* [Sobre a Senhora Carrar e o sofrimento (Arte ou Política?)], escrito no ano de 1938, que a peça teatral *Os fuzis da Senhora Carrar* (1937) seria uma espécie de carta escrita para a mulher de um pescador, em nome do povo alemão, como apelo aos oprimidos para se revoltarem contra seus opressores. Em alusão à Guerra Civil Espanhola, eclodida em 1936, o autor assegura que nem todos que falam alemão estariam de acordo com os generais, tampouco com o envio de bombas e tanques de fabricação alemã para a Espanha (BRECHT, 1982, p. 95 e 96).

Nessa missiva, de caráter político-literário, o dramaturgo dirige-se à Teresa Carrar, a protagonista da ação teatral que se passa em 1937, o segundo ano da guerra da Espanha: um conflito bélico entre a Força Popular (republicana, socialista e imperialista), com suporte do regime soviético, e o Movimento Nacional (monarquista, nacionalista e capitalista), liderado pelo General Francisco Franco, que contava com o apoio da Alemanha e da Itália.

Escrita em 1937, em Skovbostrand (Dinamarca), onde viviam Brecht, Helene Weigel e os filhos deles, Stefan e Barbara¹⁷¹, a peça, *Die Gewehre der Frau Carrar*, surgiu a

¹⁷¹ Engajado no Partido Comunista Alemão (KPD), desde 1933, Brecht exilou-se na Dinamarca em decorrência da política totalitarista do governo de Adolf Hitler e dos nacional-socialistas. Nos anos de 1932 a 1934, ele escreveu a parábola *Die Rundköpfe und die Spitzköpfe* [As cabeças redondas e as cabeças pontudas], na qual revela e desmascara a teoria das raças. Desde 1935, o dramaturgo trabalhava em *Furcht*

pedido do diretor teatral Slaton Dudow, feito em setembro de 1936. Dudow cobrou um posicionamento político-literário do escritor diante dos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola, segundo Klaus Bohnen em *Produktionsprozesse bei Brecht. Zur Entstehung der Gewehre der Frau Carrar* [Processo de produção de Brecht. De Os Fuzis da Senhora Carrar] (BOHNEN, 1982, p. 7 e 8).



Fig. 2- Mulheres combatentes na Guerra Civil Espanhola¹⁷².

Ruth Berlau (1906-1974), atriz e escritora, que empunhara fuzil na Brigada Internacional, a favor da causa republicana socialista, tinha informado Brecht sobre os cruéis acontecimentos ocorridos no *front*. Pacifista indignado pela política de neutralidade e de não intervenção da França e da Inglaterra em um conflito internacional, no qual as ideologias capitalistas e socialistas se confrontavam, o dramaturgo não somente escreveu *Os fuzis da Senhora Carrar*, como também enviou um pronunciamento para ser lido no “Segundo Congresso Internacional para a Defesa da Cultura”, realizado em julho de 1937, em Madri.

Encenada pela primeira vez, em língua alemã, em Paris (1937), com Helene Weigel, no papel da protagonista, a peça mostra o desenvolvimento de uma viúva, Teresa Carrar, que, após a morte de seu marido Carlos, um pescador, não quer se envolver com a guerra,

und Elend des Dritten Reichs [Terror e miséria do Terceiro Reich], que teve estreia em Paris, no ano de 1937, sob sua direção.

¹⁷² A peça teatral foi influenciada por um artigo publicado no jornal dinamarquês *Politiken*, em 1936, que tinha uma foto da frente espanhola com pessoas andando com fuzis, com destaque para uma senhora no centro do grupo. O recorte jornalístico, que se encontra na pasta de pesquisa de Brecht (*Generäle in Bilbao*). (*Politiken*, 28 de julho de 1936, Brechts Materialsammlung zum spanischen Bürgerkrieg, BERTOLT BRECHT ARCHIV, BBA 472/33, Berlin).

Brecht enfatiza a grande participação de mulheres voluntárias na luta do povo espanhol contra os fascistas. Elas, armadas como os homens, combatiam por uma constituição livre no país. [Na peça de Brecht, Inez Perez, uma professora vizinha da família Carrar, participou do conflito e morreu].

acreditando poder ser poupada com os filhos. A sua atitude de neutralidade, defendida pelo Padre Francisco, e a postura de falta de sentimento de coletividade na luta contra um inimigo comum, segundo a opinião de Pedro, seu irmão operário, e outros membros jovens da comunidade, vai ser modificada após o assassinato de Juan, seu primogênito, pela milícia republicana nacionalista, conhecida como franquista, em alusão ao general Franco. Decidida, a mãe revigora suas forças, pega os fuzis do esposo e solidariza-se na luta contra os generais.

Carlos Carrar, que era muito impetuoso, costumava dizer: “um homem perfeito arrisca sempre” (BRECHT, 1999, p. 24) e, por isso, foi participar do levante de Oviedo, onde foi gravemente ferido e faleceu no retorno para sua aldeia. Os filhos dele eram também impulsivos, fato que preocupava muito a mãe, a qual confessou para a vizinha, Frau Perez: “eu não desejo que meus filhos sejam soldados: eles não são gado para o matadouro” (BRECHT, 1999, p. 42).

A peça teatral, *Os fuzis da Senhora Carrar*, abrange acontecimentos ligados à Guerra Civil Espanhola, principalmente aqueles ocorridos em 1937: os programas políticos de rádio do General Queipo de Llano; as ações do General Franco e do General Mola; a participação da Brigada Internacional Comunista; as informações sobre os combates em Madri, Bilbao, Badajoz e Málaga; a falta de armamentos para a milícia republicana socialista; o conflito em Motril e o combate em fevereiro em Málaga; a penosa marcha de 50.000 fugitivos civis, atacados por canhões de navios, bombas e ataques de metralhadoras nacionalistas franquistas nos 220 Km em direção à Almeria, reduto socialista; a oferta dos Generais para deposição de armas e anistia; o assassinato cruel de mulheres, crianças e padres; o racionamento de alimentos, devido ao bloqueio marítimo inglês; o recrutamento de adolescentes impetuosos e a participação de mulheres nas frentes de combate.

O objetivo do estudo “Uma mulher contra a Guerra na Espanha em *Os fuzis da Senhora Carrar* (1937), de Bertolt Brecht (1898-1956)”, aborda, de um lado, o fato histórico – a tentativa da derrubada do governo socialista (desde 1934), de Manuel Azaña, conhecido como o Vermelho; o assassinato do deputado nacionalista, Calvo Soares, em 1936; a tentativa de golpe militar, no mesmo ano; o apoio da Alemanha e da Itália e a eclosão do embate –. E, de outro, o engajamento político do autor sobre o conflito internacional; a gênese da obra e sua primeira encenação. A pesquisa será baseada nos

conceitos de “otimismo militante”, “sonhos diurnos”, “utopia libertária” e “futuro autêntico”, da filosofia de Bloch.

1 - A filosofia da esperança de Ernst Bloch

O pensador alemão Ernst Bloch (1885-1977), desde o ano final da Segunda Guerra Mundial (1918), desenvolveu uma filosofia do sonho e da utopia, publicada na obra *O princípio esperança* (publicada em 1959), na qual esboça os contornos da possibilidade de um futuro possível, mediante o abandono da atitude de alienação em prol do engajamento coletivo e solidário das pessoas (“otimismo militante”).

Para Bloch, a “utopia libertária” é um *topos* da atividade humana com uma “consciência antecipadora” e com “sonhos diurnos”, no qual existem “imagens do desejo” [“*Wunschbilder*”] e de uma situação que “ainda-não-é” [“*Noch-nicht-Sein*”], mas que pode vir-a-ser. Enquanto que o “futuro autêntico” tem um excedente que permite a transformação da imaginação utópica em uma realidade humana em forma de um amanhã (“utopia concreta” e “utopia libertária”), o “futuro inautêntico” reflete uma esperança trivial e banal.

Bloch afirma que a energia humana subjetiva é necessária para a transformação do mundo em imagens utópicas, e que o “sonho diurno” é um sonho capaz de mobilizar a ação coletiva em um projeto comum (BLOCH, 2005, p. 29-48; 79-114; e 193-245).

Projetos futuros baseados na esperança, em “sonhos diurnos”, no “otimismo militante”, na “utopia libertária” e no “futuro autêntico”, se refletem em *Os fuzis da Senhora Carrar*, uma peça teatral cuja ação se passa durante o episódio armado espanhol, em 1937, que tinha dimensão internacional.

2 - A guerra na Espanha (1936-1939)

Para a compreensão da eclosão desse conflito bélico no ano de 1936, que teve repercussões em obras literárias, é necessário entender a ascensão do partido republicano parlamentarista de essência socialista, em um país agrícola com tradição de monarquia católica, o qual apesar do passado colonial tinha o desenvolvimento socioeconômico limitado em suas fronteiras internas. A posse de Manuel Azaña, em 1934, resultou em medidas socialistas impopulares contra o poder político e financeiro dos industriais, dos

empresários e do clero, principalmente, àquelas voltadas para a introdução de uma reforma agrária.

Os conflitos provocados pelo governo Azaña na elite do país, que classificava o presidente de “vermelho”, desencadeou os preparativos de uma reação das forças armadas, que aguardavam um motivo para intervenção: o estopim foi o assassinato de Calvo Sotero, deputado monarquista, no dia 13 de junho de 1936. Quatro dias mais tarde, a partir do Marrocos, protetorado espanhol, dos Baleares e das Canárias, os exércitos do General Franco e dos outros Generais – Sanjurjo, Mola, Goded e Queipo de Llano – deram um golpe de estado militar contra o “poder vermelho” socialista. As falas de Queipo de Llano, transmitidas pelo rádio, perpassam *Os fuzis da Senhora Carrar*.

Os generais receberam, a partir de agosto de 1936, o apoio militar do governo alemão, italiano e português, interessados nas jazidas espanholas de volfrâmio, mercúrio, zinco, cobre e ferro, que eram essenciais para a indústria de armamentos. O governo soviético, que apoiava a gestão socialista de Azaña, enviou auxílio às forças republicanas e organizou, em Paris, a criação da Brigada Internacional, uma unidade militar composta por voluntários estrangeiros.

Por causa do conflito espanhol, em 9 de setembro de 1936, na cidade de Londres, foi realizada a primeira reunião da “Comissão de Não-Intervenção”, que reuniu 26 países que escolheram a neutralidade para a manutenção da paz europeia. A questão espanhola não foi concluída na pauta da Assembléia Geral da Liga das Nações (Conf. ELSTOB, 1978; e MATTHEWS, 1975, p. 140 e 141; 144; 201 e 203).

O tema da neutralidade reflete-se no comportamento da Sra. Carrar que recusa a participação de Juan, seu filho de 20 anos, na frente de batalha, ao lado dos republicanos socialistas, como muitos jovens de sua aldeia, Andrés e Felipe.

2.1 - O engajamento de intelectuais no conflito espanhol

Diante da neutralidade das hegemonias europeias perante uma guerra que tinha duas facetas – a capitalista e a socialista –, alguns intelectuais participaram do “Segundo Congresso Internacional para a Defesa da Cultura”, realizado em Madri, no mês de julho de 1937, que tinha como objetivo estimular o debate a respeito da crueldade, arbitrariedade, neutralidade e não intervenção na Guerra Civil Espanhola.

Bertold Brecht enviou um texto para o evento, no qual fala do sofrimento humano, dos diferentes tipos de gritos: daqueles que são mortos em locais públicos e de outros que são anônimos e torturados nos porões da Gestapo. O autor comenta que as ditaduras fascistas (a alemã e a italiana) começaram a utilizar métodos no proletariado estrangeiro, já recorrentes no próprio proletariado, como se o povo espanhol fosse o povo alemão ou italiano (BRECHT, 1982, p. 72).

Brecht, depois de escrever sobre os terríveis métodos de opressão utilizados na Alemanha e na Itália, e que tinham sido exportados para a Espanha, conclama para uma guerra contra a guerra vigente, para a defesa da cultura que estava sendo atacada e que deveria ser defendida com armas (BRECHT, 1982, p. 74).

A Guerra na Espanha teve uma dimensão internacional devido à publicação de artigos detalhados com fotografias. Escritores e artistas espanhóis e estrangeiros participaram de diversas formas; alguns deles se alistaram na Brigada Internacional como o ator e cantor Ernst Busch e aproximadamente 23 escritores que atuaram como oficiais, soldados, comissários de guerra e médicos: Erich Weinert, Ludwig Renn, Willi Bredel, Eduard Claudius, Bodo Uhse, Hans Marchwiza, entre outros. Na peça teatral de Brecht, membros da Brigada Internacional, que passavam nas proximidades da aldeia da Senhora Carrar, rumo a Motril, entoavam canções de suas pátrias: *Thalmannekolonie* (Alemanha); *Marselhesa* (França); *Varsoviana* (Polônia); *Bandiera rossa* (Itália); *Hold the fort* (Estados Unidos da América) e *Los cuatro generales* (Espanha) (BRECHT, 1999, p. 26).

Segundo Wilfried Adling, no Posfácio, de *Die Gewehre der Frau Carrar*, em Paris, a “Vereinigung der emigrierten deutschen Schriftsteller” [“União de Escritores Alemães Imigrados”] e o “Schutzverband deutschen Schriftsteller” [“Associação de Escritores Alemães”] apoiavam a causa da Frente Popular Espanhola (republicana socialista) com a ajuda do escritor Thomas Mann (ADLING, 1965, p. 67 e 68).

No Brasil, algumas obras literárias foram elaboradas sobre o tema: o manifesto *Terra da Espanha* (1937), de Graciliano Ramos, os poemas *Notícias de Espanha* e *À Federico Garcia Lorca*, de Carlos Drummond de Andrade, e os romances *Agonia da noite*, de Jorge Amado, e *Saga*, de Érico Veríssimo.

Na Alemanha, foram escritos: os romances *Grüne Oliven und nackte Berge* [Azeitonas verdes e montanhas nuas], de Eduard Claudius, *Leutnant Bertrand* [Tenente Bertrand], de Bodo Uhse, *Begegnung am Ebro* [Encontro no Ebro], de Willi Bredel; as

poesias *Camaradas*, de Erich Weinert, e peças teatrais de Erich Weinert, Ludwig Renn e Friedrich Wolf (*Wir sind mit euch! [Nós estamos com vocês!]*) (ADLING, 1965, p. 67 e 68; e MITTENZWEI, 1982, p. 146).

3 - Uma mulher do povo com arma na mão

Para a escrita de *Os fuzis da Senhora Carrar*, Bertolt Brecht fez pesquisas sobre o tema no jornal *Politiken*, de Copenhague, dialogou com a obra de Synge e teve a colaboração de Margarete Steffin, que também estava refugiada em Copenhague, por causa das perseguições do partido nazista.

Três artigos publicados no já referendado jornal dinamarquês, em 1936, influenciaram diretamente Brecht para a elaboração da peça teatral: 1) a tragédia da família da Senhora Andersen Filbaek, que havia perdido seu esposo, um irmão e um filho, e que esperou, em vão, olhando diariamente o mar, aguardando o retorno de seu filho de 16 anos; 2) o linchamento, consumado pela população civil, de oficiais do exército nacionalista franquista, com mãos erguidas, saindo da caserna, em Barcelona (28 de julho de 1936); e 3) a destruição de igrejas e assassinato de padres e de saques realizados por membros da milícia republicana socialista, que saíam dos templos religiosos balançando crucifixos e castiçais de prata e objetos de madeira quebrados por eles (BOHNEN, 1982, p. 7 e 8).

Nos textos das edições de 19 de julho de 1936 a 28 de junho de 1937 do referido jornal, que se encontram na pasta *Generäle in Bilbao* (BBA – Bertolt Brecht Archiv), são elencados fatos ocorridos em abril de 1937: as falas de rádio do General Queipo de Llano; as fases do bloqueio de navios de alimentos no porto de Bilbao e o rompimento (12 a 26 de abril); o bombardeamento aéreo de Guernica pela Legião Condor alemã (28 de abril) e a terrível fuga de 150.000 civis pelos 200 Km de Málaga passando por Motril para Almería (BOHNEN, 1982, p. 174-184). Alguns desses acontecimentos são mencionados em *Die Gewehre der Frau Carrar* cuja ação se passa em uma noite de abril de 1937.

Conforme informação da edição Surhkamp: “*Unter Benutzung einer Idee von J. M. Synge*” [“*Com aproveitamento de uma ideia de J. M. Synge*”] (BRECHT, 1999, p. 8), o autor consultou¹⁷³ a peça teatral, *Riders to the Sea* (1904), de autoria do irlandês John

¹⁷³ A narrativa, que foi publicada no já citado jornal, na edição do dia 6 de novembro de 1936, encontra-se no material de pesquisa de Brecht, selecionado para a elaboração da peça (BOHNEN, 1982, p. 73).

Millington Synge (1871-1909), o qual retrata o duro cotidiano dos pescadores, em uma ilha no oeste da Irlanda, com ênfase na vida de uma idosa viúva, Maurya, que por ter perdido marido e cinco filhos no mar, tentava impedir que o seu último filho vivo, Bartley, o preferido, fosse pescar. [Nessa cena uma filha está amassando um pão, atividade também mostrada na peça de Brecht]. Apesar da proibição, o rapaz parte para o mar a cavalo, que de um despenhadeiro o lança às águas. Desesperada, a mãe aceita o destino implacável (SYNGE, 1982. p. 53).

Com modelo ilusionista aristotélico¹⁷⁴, *Os fuzis da Senhora Carrar* tem um ato com 9 cenas, que aborda fatos ocorridos em uma noite de abril de 1937, com a ação concentrada em mais de 2 horas, na cozinha da casa de Teresa Carrar, em uma aldeia de pescadores da Andaluzia, região de latifúndios, localizada no sul da Espanha, entre Málaga e Almería, no litoral, ao sul (parte bege do mapa). A mãe assa um pão, enquanto conserta redes de pesca com o caçula José, que observa pela janela, a pedido de Teresa, o filho Juan que pescava. Ela temia que ele fugisse para se alistar às forças dos socialistas.



Fig. 3- Locais de combates

O tempo da narração abrange acontecimentos da história espanhola: o levante de Oviedo, nas Astúrias, no norte, ocorrido no ano de 1935, em consequência do qual morre o fictício Carlos Carrar, marido de Teresa; e os anos de fome de 1898 e 1899, durante os quais morreram dois filhos pequenos da vizinha, a Senhora Perez.

¹⁷⁴ Adepto do estilo épico e anti-ilusionista de representação teatral, Brecht esclarece, em *Schriften zum Theater 1933-1947*, sobre sua opção em escrever *Os fuzis da Senhora Carrar* em molde tradicional, aristotélico e catártico, e a respeito das desvantagens e possibilidades de tal procedimento, sugerindo para a encenação a inclusão de um documentário e de um evento informativo (BRECHT, 1963, v. 4, p. 126).

Ao som distante dos canhões, inicia-se a estória da católica família Carrar: Teresa, mãe abnegada de Juan e de José, que em abril de 1937 se encontra desesperada e com medo de perdê-los nos combates. Por isso, ela os ameaça com enforcamento pessoal, caso eles se alistassem para o *front*.

Teresa terminou de amassar um pão com a última farinha racionada, coloca-o no forno e começa a consertar uma rede de pesca. Ela enviou Juan para pescaria noturna, a fim de evitar que ele soubesse de uma reunião naquele momento, com a finalidade de organizar a participação dos moradores para o combate na linha de frente de Motril. Ordena a José que vigie seu irmão por meio do controle da luz da lanterna do barco. Às 21 horas inicia-se o programa de rádio do General Queipo de Llano, ligado pelos vizinhos, os Perez, que perderam a filha Inez na guerra. Eles queriam incomodar Teresa pela sua postura neutra diante do conflito.

A José, de 15 anos, que quer se alistar, a mãe tenta contê-lo, explicando que pobres não deveriam participar da guerra: “mas isso que está aí não é brinquedo: não está escutando os canhões deles? Nós somos gente pobre, e gente pobre não pode meter-se em guerra” (BRECHT, 1999, p. 17).

3.1 - A questão da neutralidade



Fig. 4- Teresa Carrar (Stella M. Saldanha), José (Roger Bravo) e operário (José Ramos) Direção de Marcus Siqueira. Encenação do Grupo Teatro Hermilo Borba Filho, Recife (1978).

Na peça, existem três grupos: o primeiro se coloca ao lado da força republicana socialista (Pedro Jáqueras, irmão de Teresa, e seus sobrinhos, Juan e José; Manuela, namorada de Juan; os jovens Felipe e Andrés; alguns padres da diocese de Bilbao; Inez Perez e os pais da família Turillo); o segundo apoia a milícia nacionalista franquista (Fernando e Pablo) e aqueles que se mantém neutros (Padre Francisco e Teresa).

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 15 n. 1, jan-jun 2024

Pedro Jáqueras é um operário participante da milícia socialista de Málaga, e consciente da luta de classes, do embate entre capitalistas e imperialistas versus comunistas e da necessidade da solidariedade dos oprimidos contra os donos do poder. Vindo de Málaga e testemunha das estradas repletas de refugiados rumo à Almeria, ele aparece depois de dois anos de ausência e causa desconfiança na irmã Teresa, que faz um relato sobre o ferimento e morte de seu marido no levante de Oviedo e sai do aposento. Pedro visita Teresa à procura dos fuzis do falecido Carlos Carrar. José informa o tio sobre o retorno do corpo paterno e as reações emotivas da mãe em luto: bater a porta na cara da professora “vermelha”, Inez, e a ida constante à igreja, pois se falava na aldeia de seu conselho ao marido para participar do enfrentamento ao norte. Pedro questiona o sobrinho a respeito dos fuzis existentes na casa e começam a jogar baralho.

Pedro manifesta sua esperança por uma vida melhor para todos, seus “sonhos diurnos” (BLOCH, 2005) em prol da vitória das forças populares contra as dos generais, acreditando que o governo, aliado à União Soviética, poderia trazer mais igualdade e justiça à população. Pedro representa o “otimismo militante”, em busca da consolidação da “utopia libertária”, de visão comunista, e procura os fuzis de seu falecido cunhado Carlos, para usar no confronto em Montril.

A aldeia de pescadores, onde reside a família Carrar, está em polvorosa, por causa do barulho da infantaria, a unidade terrestre, ao longe. No momento, estão reunidas algumas pessoas para organizarem o alistamento para a milícia republicana socialista. A militante Manuela, namorada de Juan, enviara um recado para ele sobre a realização de uma reunião, a favor do ingresso de novas pessoas na linha de frente. Teresa não o informou e o enviou para uma pesca noturna.

Alguns fanáticos influenciaram até as crianças Perez sobre a coragem dos novos soldados e a covardia de outros, como Juan, que permanece neutro. Elas cantam perto da casa dele, acusando-o de cobrir a cabeça com um cobertor:

Juan não é um soldado,
É um covarde consumado:
Metete a cara com pavor
Debaixo do cobertor. (BRECHT, 1999, p. 23)

Pablo, soldado republicano, partidário dos generais, que fora ferido no Monte Solluve, aparece para ter seu curativo trocado por Teresa. Ao serem informados sobre o agravamento do conflito, eles ouvem barulho de caminhões e canções, em diversos idiomas, entoadas por membros da Brigada Internacional que estão a caminho da linha de Montril. Nesse momento, Pedro informa seu sobrinho José Carrar sobre a importância crucial do enfrentamento bélico daquela noite que iria decidir sobre o destino da Espanha.

Manuela aparece para informar sobre a deliberação da reunião sobre a ida do pessoal naquela noite para o *front* e para questionar a não participação de Juan. Amargurada, compreende que a mãe não o informara sobre o acontecimento e o enviou para pescar. A jovem afronta Teresa, que enfatiza serem pessoas pobres e independentemente do tipo de governo, e que não aceita sacrificar seus filhos.

A moça vocifera acusando Teresa e os demais que esperam as pessoas irem para o paredão, de serem culpadas da ascensão do General Queipo de Llano, o qual faz pronunciamento diários no rádio, às 21 horas:

MANUELA- Não! Vai ficar esperando que eles sejam levados para o muro de fuzilamento. Eu nunca vi uma bobagem tão grande! Por causa de gente como a senhora é que estamos no ponto a que chegamos, e um porco como esse General Llano tem o topete de nos dizer o que diz. (BRECHT, 1999, p. 28)

Manuela acusa Teresa ainda de ser a favor dos generais e elogia o heroísmo do finado Carlos Carrar. José alega que a mãe não apoia os generais: “ela só não quer que os filhos vão para a guerra” (BRECHT, 1999, p. 28).

Pedro questiona a neutralidade da irmã que o acusa de planejar a transformação de sua casa em um ninho de conspiradores e de não dar trégua até que Juan seja conduzido ao paredão de execução:

OPERÁRIO- Então quer ficar neutra?
MÃE- Eu sei que vocês querem fazer da minha casa um ninho de conspiradores. Enquanto não virem Juan encostado no paredão, vocês não dão trégua! (BRECHT, 1999, p. 28)

Revoltada com os argumentos de Teresa, a jovem Manuela anuncia o fim de seu relacionamento com Juan e parte transtornada. Exaurida, a mãe sai para buscar Juan, e Pedro interroga o sobrinho José sobre o paradeiro das armas do pai.

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 15 n. 1, jan-jun 2024

Padre Francisco surge na casa de Teresa para pedir sua ajuda, a fim de cuidar das crianças dos Turillos, cuja mãe foi visitar o marido na linha de frente. Novamente, o programa de rádio do General é ouvido a partir da casa vizinha, como provocação à atitude neutra do religioso. Este que se dedica às causas de sua paróquia, defende, perante o irritado Pedro, a postura de Teresa, e declara-se um não combatente, embora muitos padres tenham aderido à luta armada, esclarecendo que 17 das 18 dioceses de Bilbao pronunciaram-se a favor do governo socialista.

O operário questiona o sacerdote sobre o mandamento “Não matarás” e o momento de execução de um inimigo, e o informa sobre a chegada do navio de mantimentos que teve de dar meia-volta por causa da política de neutralidade [inglesa]. José se assusta:

RAPAZ- Isso é verdade? - Mãe, os navios deram meia-volta!

OPERÁRIO- Pois é: a neutralidade. *Incisivo*. E o o senhor, também é neutro?

PADRE- Que quer dizer?

OPERÁRIO- É isto mesmo: partidário da não-intervenção! E, sendo pela não-intervenção, admite, no fundo, todo esse banho de sangue em que os Senhores Generais vêm mergulhando o povo espanhol.

PADRE- *levantando as mãos à altura da cabeça, num gesto defensivo* - Isso eu não admito! (BRECHT, 1999, p. 33)

Intolerante, Pedro acusa o padre de ser partidário da não intervenção e, por isso, conivente com o banho de sangue do povo espanhol provocado pelos generais, como no episódio da execução de 5.000 republicanos em Badajós. Ao mostrar um panfleto arremessado por aviões franquistas em Montril, a respeito da deposição de armas e o poupar de vidas, Pedro recorda a carnificina: ela foi realizada por bombas e metralhadoras das esquadrilhas aéreas e canhões dos navios contra cerca de 50.000 civis, ao longo dos 220 Km da estrada para Almeria (BRECHT, 1999, p. 33, 35 e 37). Angustiado, ele exigia o comentário do perplexo padre, calado diante das atrocidades cometidas pelos soldados de Franco.

Aflita, Teresa critica a grosseria do irmão, que afirma que fala de suas leituras: “ eu já li, muitas vezes, que as pessoas que não querem assumir nenhuma culpa acabam lavando as mãos em bacias de sangue. E esse sangue, depois bem que se vê nas mãos!” (BRECHT, 1999, p. 34). Em busca da realização da “utopia libertária”, Pedro afronta o padre e a irmã.

Com a ajuda de José, que logo assenta um boné militar em sua cabeça, pronto para partir para o *front*, Pedro tem acesso aos fuzis de Carlos Carrar, mas Teresa retorna, toma as armas e fala de sua culpa por apoiar a participação de seu marido no levante de Oviedo, que tinha lhe custado a vida, bem como rasga a bandeira vermelha que envolvia as armas.

Pedro tenta uma vez mais persuadir a irmã a deixar os filhos se alistarem e a permitir o uso dos fuzis de Carlos. O operário compara a Espanha a um prato rachado, que reflete uma situação aparentemente sem saída:

OPERÁRIO- Teresa, você já viu nosso país no mapa? Tem o feitio de um prato quebrado. Na rachadura estão as águas do mar, e na beira do prato está a artilharia; sobre nossas cabeças voam os bombardeios. Você quer ir para onde, a não ser para a boca dos canhões? (BRECHT, 1999, p. 39)

Frau Perez, a vizinha, cujos familiares erguem o volume do rádio para incomodar Teresa, entra para pedir desculpas por tal atitude, e fala de seus filhos e de seu sofrimento: dois pequenos mortos de inanição nos anos 1898 e 1899; André, que vive no Rio de Janeiro, Mariana, em Madri; Fernando, soldado de Franco; e Inez, morta em combate. Esta mãe está consciente de que os pobres sempre sofrem e vivem sem segurança e defende Teresa diante dos comentários maldosos na aldeia, pois ambas sabem a diferença entre ricos e pobres.

Consciente das falhas dos exércitos – o dos nacionalistas franquistas e o dos republicanos socialistas –, Teresa, ao ouvir o pronunciamento noturno do General Queipo de Llano, diz para José que tal fala não seria diferente daquela do governo republicano, em Valência.

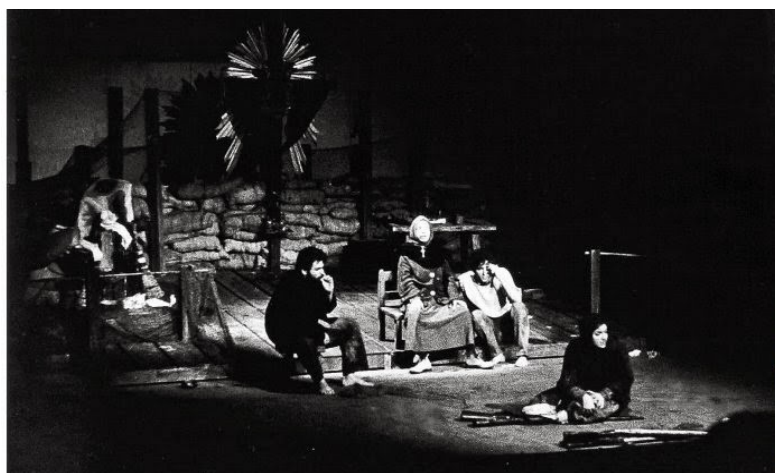


Fig. 5- Teresa (Bety Chachamovitz). Direção de Flávio Império.
Prémie em 3 de maio de 1968, pelo TUSP (Teatro dos Estudantes de São Paulo)
Teatro Ruth Escobar, em São Paulo.

Realista e sensata, Teresa não tem a crença de que, no caso da derrocada dos generais e do retorno dos republicanos socialistas ao poder, haveria grandes mudanças. Por isso, ela questiona Frau Perez: “a Senhora acha que os que nos exploram vão deixar de nos arrancar a pele, se nós nos livrarmos desses Generais?” (BRECHT, 1999, p. 43).

Ao radical irmão, Teresa diz acreditar em duas coisas entrelaçadas: na maldade dos generais e na possibilidade de poder conversar com eles: “Man sieht mich wie eine Wahnsinnige, wenn ich glaube, dass die Generäle Menschen sind, sehr schlechte, aber kein Erdbeben, mit dem man nicht reden kann!” (BRECHT, 1999, p. 47), [“Pensam que fiquei maluca, por acreditar que os Generais são seres humanos; muito maus, sim, mas não são nenhum terremoto com quem não se pode argumentar!”] (BRECHT, 1999, p. 44).

Teresa justifica sua neutralidade, acreditando ser poupada dos conflitos: “mas se eu souber dominar meus impulsos, talvez eles nos poupem: é um simples cálculo, e o que eu peço é bem pouco” (BRECHT, 1999, p. 41).

Incansável, Pedro esclarece sobre a engrenagem do capitalismo internacional e o princípio da guerra que fora provocada pelos “tubarões”, os generais golpistas, que tinham interrompido os objetivos do governo socialista: “durante dois anos houve um pouco de luz fraquinha, que não era ainda o crepúsculo; mas agora querem que se faça a noite de novo. E nem isso!” (BRECHT, 1999, p. 43 e 44).

Para o operário, durante dois anos houvera clareza, mas agora somente escuridão. Indignado com a teimosia de Teresa, a critica pela neutralidade e a acusa de ser contra Inez, a professora de seus filhos, que morreu em combate:

OPERÁRIO *furioso*- Você está contra Inez, sim! A partir do momento que não fez nada para ela, ficou contra ela! Você também diz que não está com os Generais, e isso também não é verdade: a partir do momento que não ajuda a nós, está ajudando a eles! Neutra você não pode continuar, Teresa! (BRECHT, 1999, p. 45)

Veementemente, Pedro critica os generais de começarem a guerra e culpa a irmã de estar ajudando o inimigo por causa de sua neutralidade. Disposto a partir com o tio, José é impedido pela mãe, que simula um ferimento no pé e culpa o irmão pela desavença. De repente, ela lembra-se de Juan, corre para janela, mas não vê mais a lanterna do barco de pesca, e ao acreditar que ele partiu para o combate contra sua vontade, o amaldiçoa, de forma desesperada.

De repente, três mulheres, rezando a Ave Maria, entram com pescadores que trazem o corpo de Juan, assassinado por uma patrulha marítima nacionalista que atirara a esmo. Ao pegar o velho boné do filho morto, Teresa acredita que o acessório o identificou como um pobre, já que nenhum senhor usaria um assim. Amargurada, ela conclui que os autores do crime não seriam pessoas, mas sim uma enfermidade, que deveria ser queimada:

MÃE- Eles podem, sim. Eles não são gente. Isso é uma lepra, e tem de ser tratada a fogo como lepra. *Às mulheres que rezam*, com delicadeza. - Eu gostaria que vocês se retirassem: há muita coisa a fazer aqui, e meu irmão está comigo. (BRECHT, 1999, p. 50)

Diante da tragédia, a senhora Carrar cobre o corpo do filho com a vela ensanguentada do barco, e neste exato momento ressoam os tiros de canhão ao longe:

RAPAZ *apático*
- Que será isso?
OPERÁRIO levantando-se de repente atento
- Romperam o bloqueio! Agora eu preciso ir!
MÃE *em voz alta enquanto se encaminha para o forno*
- Leve os fuzis! José vá se preparar! O pão também já está pronto.

Enquanto o operário tira da caixa os fuzis, ela cuida do pão: retira-o do forno, embrulha-o numa toalha e dirige-se para os dois homens, empunhando um dos fuzis.

RAPAZ- A senhora também quer vir conosco?

MÃE- Vou, por Juan!

Encaminham-se para a porta de saída. (BRECHT, 1999, p. 50)

Decidida a mudar sua atitude, a da neutralidade, que mantinha acreditando poder poupar sua vida e a de seus filhos, Teresa compreende, de forma trágica, que não poderia se manter isolada da comunidade abalada por uma guerra. Solidária, ela acredita em profundas transformações, na “utopia libertária” (BLOCH, 2005), entrega os fuzis, embrulha o pão recém-assado e parte junto com o irmão e José para a linha de frente. Pretendem a concretização dos “sonhos diurnos”, no combater à milícia nacionalista franquista. Com arma em punho, ela almeja um “futuro autêntico”.

Na peça, *Die Gewehre der Frau Carrar*, interagem alguns objetos-personagens, de dimensão simbólica, nas etapas de transformação de Teresa até a sua decisão de participação na luta armada: a massa de farinha racionada levedada que torna alimento para fortificar os combatentes; a bandeira de Carlos, oculta e rasgada, que “reaparece” na vela ensangüentada do barco de Juan, motivando a resistência; os bonés: o militar de José e o simples de Juan, como símbolo dos proletários; a luz da lanterna do barco de Juan, apagada pelo ataque da milícia nacionalista franquista, mas que brilharia na luta dos pescadores da Andaluzia contra os generais, e os fuzis que, de escondidos em luto por Carlos, passam a ser o símbolo do engajamento concreto e simbólico na luta pela democracia.

Conclusão

O objetivo do estudo, “Uma mulher contra a Guerra na Espanha em *Os fuzis da Senhora Carrar* (1937), de Bertolt Brecht (1898-1956)”, foi apresentar, sob a ótica da filosofia da esperança, de Bloch (2005), a intervenção nazifascista (alemã e italiana) no conflito entre os nacionalistas franquistas e os republicanos socialistas na Espanha (1936 e 1937). O conflito de dimensão europeia indignou o escritor alemão Bertolt Brecht, que a pedido de Slaton Dudow, se manifestou politicamente e literariamente, e escreveu *Die Gewehre der Frau Carrar*, em 1937. Estreada em Paris, no mesmo ano, teve a participação

de Helene Weigel como protagonista. No Brasil, a atriz Teresa Rachel representou a viúva de pescador da Andaluzia na *première* da peça, no ano de 1961.

Para a escrita de *Os fuzis da Senhora Carrar*, que surge como fruto de sua reflexão a respeito da expansão do fascismo europeu e dos preparativos de uma próxima grande guerra, bem como sobre a questão da omissão e da neutralidade de pessoas e países, Brecht reuniu artigos do jornal *Politiken*, de Copenhague (edições de 1936 e 1937). Eles se encontram no Bertolt Brecht Archiv (BBA), em Berlim, com destaque para a fotografia de uma mulher espanhola, que empunhava fuzil, tal como sua protagonista, que depois de se manter neutra e perder o filho Juan, se decide pelo engajamento na luta solidária. O autor discute nessa peça não o pacifismo do Padre, motivado por convicção religiosa, mas sim o de Teresa, que significa a capitulação diante da carnificina.

A aldeia de pescadores e a casa de Teresa são gravemente afetadas pela guerra civil: em um espaço pobre, no qual o papel tradicional da mulher está em transformação, a viúva assume o lugar do marido na administração socioeconômica do lar e decide seguir armada para Montril. Manuela atua como líder política na organização do recrutamento dos jovens.

O conflito armado na Espanha provocou uma cisão social violenta entre partidários do exército nacionalista franquista e da frente popular republicana, gerando momentos de intolerância e profunda inimizade entre conhecidos, conforme demonstrados entre membros da classe trabalhadora urbana (o proletário Pedro), rural (Teresa, filhos e vizinhos) e da classe eclesiástica (padre Francisco).

A maioria da população local se solidariza com a frente nacional republicana socialista, consciente da luta de classes existente e da urgência de mudanças radicais, segundo a ideologia comunista, representada por Pedro em conversa com Teresa e padre Francisco.

A peça *Die Gewehre der Frau Carrar* (1937) é uma resposta artística (BLOCH, 2005) de Brecht à sangrenta Guerra Civil Espanhola, que reflete o engajamento crítico de um intelectual diante de um conflito bélico, que foi apoiado militarmente pela Itália, Alemanha e União Soviética e ignorado pela França e Inglaterra.

Conforme a teoria da esperança de Ernst Bloch, a maioria das pessoas da aldeia de pescadores da Andaluzia, motivada pelos seus “sonhos diurnos” e pelo “otimismo militante”, desenvolveram projetos coletivos de uma “utopia libertária”, fortalecida pelo

engajamento coletivo, para derrubarem as forças nacionalistas franquistas: a professora Inez, morta em combate, e o envolvimento de Teresa, seu filhos, o irmão dela, e outros, que dispostos a empunharem fuzis e irem para a linha de frente da guerra, em Montril, arriscando a própria vida, refletem a solidariedade e a busca de ideais pelas transformações sociopolíticas em um “futuro autêntico”.

Simpatizante do marxismo, Brecht posiciona-se a favor da causa, na peça de agitação, *Os fuzis da Senhora Carrar*, na qual demonstra seu apoio à jovem república espanhola e enaltece a solidariedade das Brigadas Internacionais, ao mesmo tempo, que critica a política neutra dos chamados “democratas ocidentais”, frente ao intervencionismo alemão e italiano. Por meio do tema a Guerra Civil Espanhola, ele coloca seu teatro político a serviço da causa operária na revolução social, bem como faz um apelo literário aos oprimidos para não se esquivarem do conflito e para se rebelarem contra seus opressores.

Referências

ADLING, Wilfried. Nachwort. In: BRECHT, Bertolt. **Die Gewehre der Frau Carrar**. Mitarbeit von M. Steffin. Anmerkungen von Ruth Berlau. LEIPZIG: Verlag Philipp Reclam, 1965. p. 63-76.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Trad. de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto; EDUERJ, 2005.

BOHNEN, Klaus. Produktionsprozesse bei Brecht. Zur Entstehung der Gewehre der Frau Carrar. In: _____. (Org.). **Brechts Gewehre der Frau Carrar**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982. p. 167-194. (Taschenbuch Materialien; 2017).

_____. Vorwort. In: _____. (Org.). **Brechts Gewehre der Frau Carrar**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982. p. 7 e 8.

BRECHT, Bertolt. Die Gewehre der Frau Carrar. *Mitarbeit von Margarete Steffin*. 11. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.

_____. Rede zum II. Internationalen Schriftstellerkongress zur Verteidigung der Kultur. In: BOHNEN, Klaus (Org.). **Brechts Gewehre der Frau Carrar**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982. p. 72-74.

_____. Über Frau Carrar und das Leben. (Kunst oder Politik?). In: BOHNEN, Klaus (Org.). **Brechts Gewehre der Frau Carrar**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982.

_____. Zu Die Gewehre der Frau Carrar: Anmerkung. [Anmerkungen zu den Stücken]. In: _____. **Schriften zum Theater 1933-1947**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1963. v. 4: *Über den Beruf des Schauspielers. Anmerkungen zu den Stücken. Die Galilei des Laughton*. p. 126-129.

ELSTOB, Peter. **A Legião Condor e a guerra na Espanha**. Trad. de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Renes, 1978.

MATTHEWS, Herbert L. **Metade da Espanha morreu: Uma reavaliação da Guerra Civil Espanhola**. Trad. de Fernando C. Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MITTENZWEI, Werner. *Die Gewehre der Frau Carrar*. In: BOHNEN, Klaus (Org.). **Brechts Gewehre der Frau Carrar**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982. p. 144-166.

ROCHA, Denise. *Brecht e a Guerra Civil Espanhola*. Disponível em: <https://silo.tips/download/brecht-e-a-guerra-civil-espanhola> - Acesso em: 12 mai. 2023.

SYNGE, John Millington. *Reiter ans Meer*. In: BOHNEN, Klaus (Org.). **Brechts Gewehre der Frau Carrar**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982. p. 41-53.

Iconografia

Fig. 1- Cena final de Os fuzis da Senhora Carrar. Encenação de 16 de outubro de 1937, em Paris. Helene Weigel interpreta Teresa Carrar. (BRECHT, 1999, p. 6 e 7).

Fig. 2- Mulheres combatentes na Guerra Civil Espanhola. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/revolucao-e-guerra-civil-na-espanha-1936-1939/> - Acesso em: 12 mai. 2023.

Fig. 3- Locais de combates>. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Espanhola - Acesso em: 12 mai. 2023.

Fig. 4- Teresa Carrar (Stella M. Saldanha), José (Roger Bravo) e operário (José Ramos). Direção de Marcus Siqueira. Encenação do Grupo Teatro Hermilo Borba Filho, Recife (1978). Disponível em: <http://www.satisfeitayolanda.com.br/blog/tag/os-fuzis-da-senhora-carrar/page/2/> - Acesso em: 12 mai. 2023.

Fig. 5- Teresa (Bety Chachamovitz). Direção de Flávio Império. Première em 3 de maio de 1968, pelo TUSP (Teatro dos Estudantes de São Paulo). Teatro Ruth Escobar, em São Paulo. Disponível em: <https://primeiroteatro.blogspot.com/2014/07/os-fuzis-pela-mobilizacao-luta-armada.html> - Acesso em: 12 mai. 2023.

Filmografia

DIE GEWEHRE DER FRAU CARRAR VON BERT BRECHT. Inszenierung Melena Mönch, Ausstattung Sophie Rieser, Spieler Anton Andreew, Caroline Adam, Sebastian Jehkul. Mozarteum Theater. Premiere 8 mai. 2018. Theater im KunstQuartier. FS1 Freies Fernsehen Salzburg 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aKwk44qge4A> - Acesso em: 12 mai. 2023.

OS FUZIS DA SRA. CARRAR. Encenação do Grupo Teatro Hermilo Borba Filho, Recife (1978). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eFMASyWuwCs> - Acesso em: 12 mai. 2023.

OS FUZIS DA SRA. CARRAR. Direção de Romualdo Lisboa. Encenação de Tenda Teatro Popular de Ilhéus. 25 mai. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=60J7Xbt3RSs> - Acesso em: 12 mai. 2023.